



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://publicacoes.iel.unicamp.br/olimpia-e-teofilo/>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2023 by Asa da Palavra. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Apresentação
Victória do Monte Rodrigues

Pesquisadores da área de literatura: o que comem, o que fazem, onde estão?

Será que você já parou para pensar nisso? Geralmente, as pessoas olham para estudantes de Letras e pensam que as suas pesquisas envolvem unir a literatura e a educação, mas o campo literário é muito mais abrangente que isso. A literatura pode ser estudada dentro do campo da teoria literária, da educação, da história, da sociologia...

E foi com o interesse em estudar a literatura no campo da teoria literária que eu decidi cursar o Bacharelado em Estudos Literários na Unicamp. Mal sabia eu que me tornaria uma espécie de investigadora. Quer saber uma das minhas aventuras como pesquisadora?

Eu conto para você!

Seguindo as pistas de Uzerche

Esta história que irei contar começa em 2020. Com a pandemia, minha graduação passou a ser on-line e, sob orientação da professora Orna Levin, fiz um trabalho sobre a relação entre uma narrativa publicada em folhetim e o periódico em que ela havia sido publicada, que poderia ser escolhido na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, filtrando pelo século XIX. No meu caso, eu escolhi estudar o periódico *O Sexo Feminino* e o folhetim incompleto “Mathilde e Eduardo”.

O jornal estreou em 7 de setembro de 1873, na cidade de Campanha, Minas Gerais. Seu subtítulo era *Semanario dedicado aos interesses da mulher* e sua primeira edição foi uma edição-manifesto, justamente no dia em que se comemora o aniversário de Independência do Brasil. O periódico nasceu com anseios de emancipação feminina e buscou marcar o início de novos tempos para as brasileiras: a sua liberdade. No texto “O dia sete de Setembro”, a autora escreve que:

Pois bem, este dia marcará também em nossa história pátria uma época não menos memorável - a independência da mulher, cujo eco se faz ouvir na imprensa por um órgão - O Sexo Feminino. E pois,

Viva a independência do nosso sexo!

Viva a instrução da mulher!

Vivão as jovens campanhenses!¹

Esse jornal ficou bastante conhecido em sua época, tendo uma tiragem regular de 800 exemplares, mas podendo chegar até mesmo a uma tiragem de 4.000 exemplares em reimpressões de edições passadas, feitas a pedido das leitoras.² Além disso, o jornal circulava por várias regiões do país e também era lido na Espanha e nos Estados Unidos.³ Em seu segundo ano, a coluna “Noticiario” informou ter recebido uma “Assignatura Honrosa. – S. M. Imperial o senhor D. Pedro II, acaba de demonstrar que é dedicado protector das letras, mandando tomar uma assignatura do periódico *Sexo Feminino*”.⁴

O jornal tinha quatro páginas, com duas colunas em cada uma delas. No segundo ano de atuação, o formato permaneceu o mesmo, mas o tamanho da letra diminuiu e o do papel aumentou. O periódico trazia textos diversos, sendo os da primeira e segunda páginas os principais; depois os textos eram divididos por seções, como “Religião” e “Variedades”. Na última página geralmente estava a coluna “Noticiario” e, no segundo ano, a coluna “Anuncios”, que também passou a ser uma novidade.

O conteúdo do jornal era basicamente sobre instrução, educação doméstica, textos sobre história da sociedade, mulheres de destaque e assuntos religiosos; esse último voltado à doutrina católica. Além disso, de

acordo com a data, havia alguma homenagem para os governantes da pátria – a família Imperial. Todos esses assuntos poderiam aparecer em forma de texto em prosa, poesia ou carta assinada. A partir de 1874, o jornal passou a contar também com folhetins.

“Mathilde e Eduardo - Romance Moral” começou a ser publicado em 22 de julho de 1875, mas fez uma pausa até o dia 19 de setembro. Quando comecei a ler o texto, achei que ele seria perfeito para o trabalho, porque me parecia um texto quase “encomendado” pelo jornal, pois muitos textos publicados no periódico tinham relação com o enredo, como o fato de Mathilde não ser uma moça independente.

As personagens principais são o casal Mathilde e Eduardo, que se conhecem desde pequenos na região francesa de Uzerche. O pai de Eduardo é um barão, viúvo, que acabou gastando grande parte de sua herança, passando a criar o filho no campo. Ele faz amizade com Laura, uma vizinha que não é casada e nem tem filhos, mas cuida de sua sobrinha órfã e sem herança, Mathilde, pouco mais nova que Eduardo. Laura é muito rica e, sabendo que o seu filho, Eduardo, é apaixonado por Mathilde, o barão faz um contrato com a senhora, que promete deixar tudo o que tem para a sobrinha, criada como se fosse filha.

Ao completar 16 anos, Mathilde fica sabendo que está noiva, mas ela e Eduardo nutrem um sentimento um pelo outro, o que não torna esse contrato algo totalmente forçado. No entanto, prestes a se casar, algo acontece e faz com que os apaixonados tenham que se separar. Intrigas, ganância, mentiras... tudo isso fica no meio do casal e não sabemos de quem pode ser a culpa por trás das tramoias que separam Eduardo de sua amada Mathilde. Mas será que eles conseguirão ficar juntos?

Spoiler: não sabemos.

Isso mesmo.

Fim.

A não ser que você tenha espírito de investigador...

Era o fim da leitura n'*O Sexo Feminino*, pois a Hemeroteca Digital não tinha mais edições do periódico disponíveis. Contudo, não era o fim da narrativa.

Curiosa e ávida por um final, eu vasculhei a internet atrás desse folhetim. A única menção de autoria em *O Sexo Feminino* era “sra. D”. Mas quem é essa senhora? Quase desistindo, li artigos que falavam que os folhetins sofriam várias traduções, inclusive nos nomes de personagens. Então se tornava mesmo difícil! Como encontrar Mathilde e Eduardo se eles poderiam não ser Mathilde e Eduardo? Eis que uma luzinha surgiu: o nome do lugar em que a história começava.

Eu deveria ir atrás de Uzerche, a comuna francesa em que o nosso casal se conheceu.

Dito e feito, encontrei o folhetim.

Com a ambição de democratizar e facilitar o acesso a diversos livros, o Google Books tem disponibilizado obras digitalizadas de bibliotecas ao redor do mundo todo. O mais legal é que, dentre esses livros recolhidos na plataforma, temos acesso a centenas de antiguidades. E foi lá que eu encontrei a coleção *L'Esprit des journaux françois et étrangers par une société de Gens-de-Lettres* [O espírito dos jornais franceses e estrangeiros por uma sociedade de Homens de Letras], cujo volume 10 traz uma breve sinopse de vários folhetins franceses. Para a minha surpresa, o nome Uzerche se destacava no início do folhetim *Olimpe & Théophile ou les Herneutes* [Olímpia e Teófilo ou os Morávios].⁵ A partir disso, encontrei o livro *Les veillées du château, ou cours de morale à l'usage des enfants* [Os serões do castelo, ou lições de moral para crianças], publicado em 1784 pela condessa de Genlis, Stéphanie Félicité du Crest.

E foi assim que eu encontrei “Mathilde e Eduardo”, também chamados de “Olimpe e Théophile”. Como a vida de universitário não é fácil, surgiu mais um problema: eu sabia muito pouco de francês e o texto estava nessa língua. Com as férias chegando e trabalhos ainda por fazer, foi fácil desistir de tentar ler a história.

Minha graduação foi andando e me formei, mas eu ainda me lembrava volta e meia daquele folhetim sem final.

Em 2023, porém, eu comecei uma disciplina da pós-graduação em Teoria e História Literária com a professora Márcia Abreu. Logo no primeiro dia, ela lançou um desafio: resgatar uma história fora do cânone. Do meu lado, eu também me lancei um desafio. Eu iria atrás de “Mathilde e Eduardo”. E assim, essa história recomeça.

Eu já sabia o nome original, o livro de onde a história foi tirada e o nome da autora. Contei para a turma e para a professora, que comentou “Ela era muito famosa na época!”.

Famosa? Eu estava por fora. Por um acaso você, leitor, já ouviu falar em Madame de Genlis? Ninguém que eu conhecia sabia da existência dela, além da professora. É, eu teria um trabalhão então pela frente. Como assim? Ela era famosa e simplesmente sumiu? Será que ela era famosa na Europa e por um acaso teve parte de uma de suas histórias publicadas de modo incompleto no Brasil?

Eram tantas perguntas... mas, de novo, eu recorreria aos nomes. No caso, ao que me salvou no último trabalho: Uzerche.

Vasculhando o nome de Uzerche na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, encontrei o seguinte:⁶

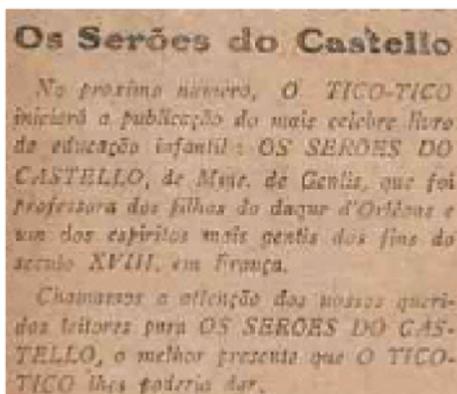


Edição d'O Tico-Tico em que aparece o início da história “Olímpia e Teófilo” (17/10/1923, p. 7).

Encontrou Uzerche? Eu também!

Quando vi esse jornal, os nomes “Olympia e Theophilo” saltaram aos meus olhos e chamaram minha atenção para o título *Os Serões do Castello*, que, vejam só, é a tradução, palavra por palavra, de *Les veillées du château*, a história que eu procurava desde 2020!

Sim, é isso mesmo o que você está pensando. Esse jornal não só iria me contar o final de uma história de amor que eu comecei a ler anos atrás, como também me mostraria a tradução toda do livro de Madame de Genlis. Vendo edições passadas,⁷ descobri a ponta do *iceberg* sobre quem seria essa mulher tão famosa (na época dela):



Anúncio da publicação de “Os Serões do Castelo” no jornal *O Tico-Tico* (08/07/1921).

A mulher era professora de príncipes! E, pelo visto, era ótima escritora para crianças, pois o jornal que iria publicá-la era um dos primeiros jornais infantis em circulação do Brasil. E vejam só como se referiram ao livro dela: “o melhor presente”! Foi muita informação. Além disso, posteriormente descobri que um daqueles príncipes tornou-se o rei Luís Filipe I.

Na primeira edição em que publicaram a introdução do livro, é possível perceber uma diferença enorme em relação a *O Sexo Feminino*. Madame de Genlis não era “sra. D”. Pelo contrário, seu nome estava em destaque como a autora do texto, havia uma breve biografia com suas obras mais famosas e, ainda, um retrato seu:⁸



Breve biografia de Madame de Genlis em que se publicava “Os Serões do Castelo”.

Além dessa menção à autora, outra coisa que distingue as duas versões de publicação, além, claro, dos nomes das personagens, é o conteúdo. A versão “Mathilde e Eduardo” também modificou algumas partes do texto, acrescentando cenas dramáticas que não existiam na versão francesa, que você verá futuramente.⁹ Nesse sentido, Roger Chartier, famoso estudioso da história do livro e da leitura, escreve que “para outros [tradutores, a tradução] era uma tarefa da qual foram encarregados, mas que podia tornar-se também um ato literário”,¹⁰ por isso tal interferência no texto aconteceu.

Voltando ao mais importante: *O Tico-Tico* tinha a história completa publicada entre 17 de outubro de 1923 e 24 de junho de 1925!

O que podemos questionar agora é: como uma história voltada para moças e mulheres, que eram o público-alvo do *O Sexo Feminino*, foi parar nas páginas de um jornal voltado para crianças, *O Tico-Tico*?

Como comentei anteriormente, *O Sexo Feminino* almejava a emancipação da mulher, para que ela tivesse acesso à educação formal e não dependesse de seus pais e irmãos. Além disso, as colaboradoras do jornal traduziam alguns textos em francês, que falavam da mulher, da educação e de valores morais. Dentre esses textos, o folhetim “Mathilde e Eduardo” trazia em seu enredo a história de um casal em que a mocinha passa por diversas provações após perder sua tutora, pois encontra-se sozinha e sem ter como se manter, já que a tia não deixou testamento destinando os recursos para Mathilde. Assim, os conflitos iniciais da história ilustram justamente o porquê da postura d’*O Sexo Feminino* a favor da emancipação da mulher era tão importante.

Por outro lado, os leitores d’*O Tico-Tico* aproveitaram a leitura por conta de outros fatores também presentes no enredo. Pesquisando sobre esse periódico, descobri que ele foi lançado em 22 de novembro de 1905.¹¹ Na virada do século, também tivemos o advento da República e os impressos tornaram-se importantes meios para veicular novos ideais e formar cidadãos para a pátria. Desse modo, *O Tico-Tico* veio para suprir a falta de jornais voltados ao público infantil, que deveria ter contato com um meio de comunicação que pudesse, por meio das histórias e textos, ensinar o “amor à família e à pátria, a prática de boas

ações e, sobretudo, o sacrifício dos interesses pessoais pelo coletivo [...]”¹². Para esse público, então, a história criada por Madame de Genlis era altamente recomendável devido ao enredo que traz como moral a importância da família e que os filhos não devem se afastar do seio paterno.

Sendo assim, tenho a hipótese de que “Mathilde e Eduardo” foi publicado por conta do contato que as editoras tinham com a literatura francesa, enquanto “Os Serões do Castello”, que reunia diversas histórias, foi divulgado devido ao fato de ser, originalmente, um livro infantil. Em ambos os casos, tal publicação teria sido motivada, ao meu ver, principalmente, pelo conteúdo da história em si, que, por diferentes aspectos, era proveitoso tanto para moças e mulheres quanto para crianças. Se levarmos em conta o contexto de publicação, temos diferentes cenários: em primeiro lugar, Madame de Genlis publicou a história em 1784, antes da Revolução Francesa, numa época em que havia uma monarquia absolutista; em segundo lugar, *O Sexo Feminino* data da época do Brasil Imperial e publicou o texto em formato de folhetim na cidade da Corte, Rio de Janeiro; por fim, em terceiro lugar, o enredo foi novamente traduzido e publicado em folhetim n’*O Tico-Tico* quando o Brasil já estava no período republicano. *O Sexo Feminino* tinha como público jovens e mães

de família. Para esse público, exaltar virtudes e o amor à família, bem como sacrifícios que devem ser feitos em prol do bem familiar, era fundamental para essas leitoras. Condizia com a realidade delas.

Desse modo, acredito que importava mais a história em si e os ideais e valores que ela poderia transmitir nos contextos específicos de cada jornal. Além disso, a mudança de público não aconteceu só aqui. Em uma edição publicada em 1826,¹³ consta, no prefácio escrito pela própria Madame de Genlis, que o livro *Os Serões do Castelo* era para ter sido inicialmente escrito para crianças de seis ou sete anos. No entanto, ela percebeu que essas crianças não entenderiam as histórias e, por isso, ela destinava o livro às crianças de doze ou treze anos. Logo, no Brasil, a mudança teria acontecido em *O Sexo Feminino*, e não n' *O Tico-Tico*.

Apesar de uma história de amor em que o casal protagonista passa por diversas situações conflitantes pareça ser mais adequado para um público mais maduro, o formato do texto original traz Madame de Clemire e sua mãe contando histórias à noite, os serões, para um grupo de crianças. Marquês de Clemire foi para a guerra e os serões eram uma forma de animar os filhos, que ficaram no campo com a avó e a mãe. Ao longo dos serões, as histórias são interrompidas por comentários das crianças e das narradoras,

que reforçam algum ponto do enredo ou trazem alguma lição.

Citando outro exemplo de mudança de público, o pesquisador Juan Altamira investigou a presença de Madame de Genlis na era vitoriana.¹⁴ Ele comenta que, na Inglaterra, ela teria conquistado uma audiência diversa, tanto pelos seus escritos educacionais e ideais iluministas franceses, quanto pela curiosidade em conhecê-la pelo seu esforço em ter subido na sociedade estratificada do Antigo Regime. O pesquisador escreve também que a vida pessoal e profissional da francesa teve forte relação com a Inglaterra, e suas viagens antes e depois da Revolução Francesa permitiram que ela adentrasse o círculo intelectual inglês. Para termos uma ideia, Madame de Genlis publicou, na França, *Théâtre à l'usage des jeunes personnes* [Teatro para os jovens] entre 1779 e 1780. Em 1781, essa obra já estava à venda na Inglaterra numa versão traduzida.

Até aqui, vimos que algumas obras de Madame de Genlis saíram da França e foram para o Brasil e para a Inglaterra, mas podemos supor que elas também foram para outros países, por conta do contexto histórico francês. Paris, segundo a crítica literária francesa Casanova, era considerada a capital da República Mundial das Letras e, inclusive, alguns autores se afirmaram no campo literário

a partir de Paris mesmo sendo de outras nações e tornaram-se representantes literários de seus países.¹⁵ Logo, as obras publicadas na França eram vastamente difundidas pelo mundo. Ter uma autora que fala de dentro do Antigo Regime, é professora dos filhos do Duque de Orléans e, posteriormente, foi espiã de Napoleão Bonaparte,¹⁶ devia ser um prato cheio para que os editores aproveitassem sua vasta obra e publicassem-na fora.

Retomando as publicações no exterior, quão popular Madame de Genlis deve ter sido? Já sabemos que na Inglaterra ela teve público diverso, mas e no resto do mundo? Algumas ferramentas de pesquisa podem nos dar umas dicas: o site Google Scholar, um plataforma de pesquisa que reúne um acervo de publicações científicas, apresenta, aproximadamente, 3.670 resultados com o nome Madame de Genlis; o ResearchGate, que funciona como uma rede social de pesquisadores e de divulgação de artigos, cerca de 1.000 resultados; o JStor, um arquivo online de revistas acadêmicas, traz em torno de 1.440 e a plataforma de periódicos da Capes, que reúne periódicos nacionais e outros assinados com editoras do exterior, mostra aproximadamente 245 resultados para o termo “Genlis”. O banco de teses da Capes, por sua vez, não traz nenhum resultado. Esse último é um portal que reúne a produção científica

brasileira na pós-graduação, ou seja, não há produções nacionais que investigaram a autora francesa. Outro site muito interessante para se fazer pesquisas é o WorldCat, um portal em que é possível ver em quais bibliotecas do mundo determinado autor ou livro está. Esse site indicou em torno de 3.670 resultados com o nome “Madame de Genlis”. Pesquisando pelo livro *Les veillées du château* [Os serões do castelo], de acordo com ele, o livro foi publicado em Edimburgo, Londres, Dublin, Philadelphia, Belfast, Glasgow, Perth, Michigan, Leipzig, Berlim, Paris, Hamburgo, Limoges, Bruxelas, Veneza, Viena, Maestricht e Genebra. A maioria das publicações foram datadas do fim do século XVIII e início do século XIX, justamente a época em que Madame de Genlis ainda estava viva e trabalhava avidamente. Mas e recentemente? O site mostra que há publicações dos séculos XX e XXI, mas não passam de 40 publicações, sendo 13 delas publicadas entre 2000 e 2021.

Outra plataforma, que me era desconhecida até eu começar a pesquisar sobre Madame de Genlis, é o Internet Archive, que funciona como um reservatório de livros antigos e outras mídias. Para a minha surpresa, o site indicava mais de 24.000 ocorrências para “Madame de Genlis”. Se eu já estava começando a perceber que Madame de Genlis era uma autora de prestígio, agora eu tinha certeza absoluta da fama dela.

No entanto, olhar tudo isso seria impossível dentro do tempo disponível para esta investigação. Sendo assim, eu teria que focar em alguma coisa.

Nota para quem for aluno ou pesquisador: é importante ter objetivos e metodologia.

Concluí que Madame de Genlis chegou a ser conhecida mundialmente, mas meu objetivo seria investigar quão conhecida ela teria sido pelo público brasileiro. Para isso, eu contaria, principalmente, com o auxílio da Hemeroteca Digital e pesquisas em fontes secundárias.

Não encontrei pesquisas dedicadas exclusivamente a ela, no Brasil. Mas a pesquisadora Larissa de Assumpção,¹⁷ que investigou os catálogos da biblioteca da família Imperial do Brasil, descobriu que doze obras de Madame de Genlis estão lá. Isso é um dado e tanto. Se a realeza conhecia as obras dela, possivelmente a população ou pelo menos a elite poderia também ter entrado em contato com seus textos, além dos que *O Sexo Feminino* e *O Tico-Tico* divulgaram.

No caso da pesquisa em jornais e revistas digitalizados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, meus resultados foram escassos. Estava difícil encontrar algo buscando por “Madame de Genlis”. Então, lembrei da minha relação com o termo Uzerche. Nesse caso, eu não poderia usá-lo novamente, ou só encontraria as mesmas ocorrências de *O Sexo Feminino* e *O Tico-Tico*. Porém, Uzerche era

uma palavra só e eu já havia percebido que, mesmo em *O Tico-Tico*, a Hemeroteca não estava localizando todas as ocorrências de “Madame de Genlis”. Foi aí que eu passei a procurar por “Genlis”.

A ideia era acessar a busca por “Local”, selecionar individualmente cada estado brasileiro, escolher todos os periódicos e pesquisar pelo termo “Genlis”. Por fim, eu lia as ocorrências que aparecessem.

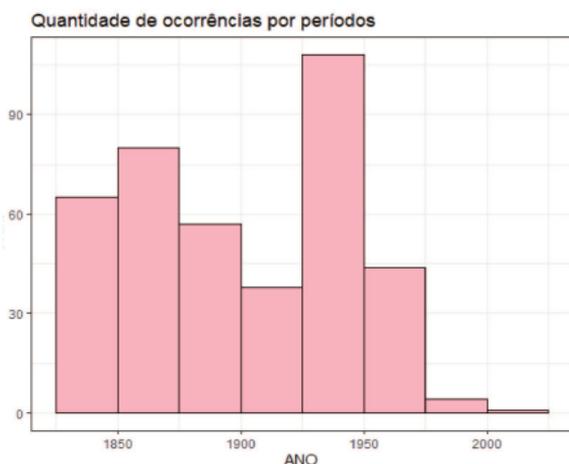
E, ao contrário do que alguns leigos possam pensar, a investigação literária é, sim, cansativa. A Hemeroteca me mostrou, só no Rio de Janeiro, mais de 1.000 ocorrências. Apesar de ser uma plataforma incrível que facilita o trabalho dos pesquisadores, ela não é perfeita. Das centenas de ocorrências do termo em todos os estados brasileiros, a grande maioria era, na verdade, “Gerais” e “gentis”, lidas erroneamente como “Genlis” pelo programa. Algumas ocorrências de “genlis”, por sua vez, se referiam ao bosque de Genlis ou a algum militar com esse nome de guerra ou mesmo à *socialite* franco-brasileira Alice Genlis. Essas ocorrências foram descartadas na contagem final.

E, como ossos do ofício, eu passei por todas essas ocorrências. No total, foram 397 ocorrências relacionadas a Madame de Genlis em diversos locais do Brasil: 284 estavam em

jornais do Rio de Janeiro; 32 de Pernambuco; 23 de São Paulo e o resto nos demais estados.

O mais interessante foi que, durante essa vistoria, pude anotar o conteúdo dessas ocorrências e o ano em que apareceram. Assim, poderemos ter uma noção da época em que Madame de Genlis mais foi comentada e o que se falava sobre ela.

O gráfico a seguir mostra que a maior parte das ocorrências sobre a autora foi no período de 1925 a 1950, o que parece ser muito revelador, levando em conta que *O Tico-Tico* começou a publicar “Os Serões do Castelo” na década de 1920. Isso me leva a supor que a divulgação tenha, de algum modo, lembrado aos escritores e colaboradores de jornais que ela era uma figura importante. Outro fato que chama atenção é que as ocorrências na Hemeroteca começaram a surgir apenas em 1825, ou seja, cinco anos antes de Genlis falecer, em 1830. Há apenas uma única ocorrência nos anos 2000, que é uma menção feita à autora em 2009.



Histograma das ocorrências do termo “genlis” na Hemeroteca Digital entre os anos de 1825 e 2009.

A respeito dos conteúdos dessas ocorrências, agrupei todas dentro dos seguintes tópicos: frase, menção, venda e celebridade, rei, mulheres, livro, educação, texto, leilão, biografia e crítica.¹⁸

Em frase (73), listei as ocorrências de citações de Madame de Genlis, que apareciam em seções de “Máximas” nos jornais. Essas seções geralmente estavam no cabeçalho ou rodapé das páginas dos jornais, como as seguintes:¹⁹



— A simplicidade não é um merito vulgar: é
 preciso muito esforço para conseguir mante-la.
 Mme. de Genlis

INGREDIENTE SUPÉRFLUO

Para fazer fortuna é desnecessário
 ter espírito; não ser delicado é quase
 sempre bastante.

Madame de Genlis 20

Exemplos de “Máximas”, em que se lê frases de autoria de Madame de Genlis.

Em menção (72), listei todas as ocorrências em que o nome dela era apenas mencionado ao longo do texto, sem maiores detalhes, como um texto que falava de Rousseau e citava suas discípulas, dentre elas, Madame de Genlis,²¹ e outro que a menciona junto com outras francesas ao comentar que elas nunca estarão nos liceus ou academias porque outras coisas as esperam.²²

Já em venda (67), estão listadas todas as ocorrências de livrarias anunciando a venda dos livros de Genlis. A maior parte dos livros era vendida em francês. Algumas ocorrências trazem os títulos traduzidos, mas em listagens de “livros em francês”, então não podemos afirmar se todas as vezes que os títulos estavam em português se tratava de obra traduzida. Em geral, os livros custavam entre 500 e 1500 réis, sendo 500 o preço “baratíssimo”. O custo do quilo da batata, por exemplo, era cerca de 300 réis em 1915 e uma diária de hotel, aproximadamente 4 mil réis.²³ Há, no entanto, anúncios sobre o livro *D. Inez de Castro*, de autoria de Genlis, traduzido

para o português pelo baiano Caetano Lopes, em edição ornada e com rica encadernação, custando 2500 réis.²⁴

No tópico celebridade (61), contei as vezes em que ela apareceu como personagem de algum folhetim, como em “O filho de Marat”,²⁵ do célebre Alexandre Dumas, autor de *O Três Mosqueteiros*; fofocas envolvendo o nome dela, como a que dizia que ela era amante do chefe;²⁶ comentários sobre como ela estivera vestida em determinada ocasião;²⁷ e anedotas em que ela era personagem.²⁸ Houve inclusive um texto que mencionava o nariz dela!²⁹ Tudo isso ilustra que ela era famosa em seu tempo, pois ninguém faria uma anedota com o nome de alguém se não fosse uma figura conhecida, ou dedicaria espaço no jornal para contar um segredo de uma pessoa que não era conhecida.

Mme. de Genlis, dotada de um nariz todo diverso do das precedentes personagens, considerava-o um nariz modelo, a julgar-se por algumas passagens de suas Memórias. Tendo-lhe feito o gravador um nariz aquilino em uma medalha cunhada em honra sua: «Será este aquelle narizinho retorcido?» exclama ella... Esse nariz foi

Exemplo de fofoca envolvendo Madame de Genlis.

A pesquisa na Hemeroteca também me revelou algo de muito destaque: Luís Felipe, foi

coroado rei dos franceses em 1830, pouco antes de sua professora, Madame de Genlis, morrer. Consultando outras fontes, descobri que ele subiu ao trono no final da Revolução de 1830, prometendo ao povo que governaria sob uma monarquia constitucional.³⁰ Sendo assim, na categoria rei (32), considere as vezes em que o nome de Madame de Genlis foi citado em textos sobre a realeza francesa e sobre o rei Luís Felipe, visto que ela era da corte e foi preceptora dos Orléans. Em mulheres (31), estão as ocorrências em que o nome dela apareceu em algum texto voltado especificamente para o público feminino, como um que fala da indignação feminina perante uma situação e a menciona como “distinta pena (Mme. Genlis) orgulho da culta França e do nosso sexo”³¹ e textos que falavam de autoras e que a mencionaram como célebre escritora.

Em livro (21), listei as vezes em que alguma obra dela foi mencionada. Aqui, também contabilizei três ocorrências especiais. Nos séculos passados, alguns livros eram considerados artigos de luxo e, muitas vezes, eram publicados em volumes para que as pessoas pudessem comprar a história em partes, em vez de gastar uma grande quantia de uma vez em um volume único. Por não serem tão acessíveis, os gabinetes de leitura eram lugares bastante frequentados por aqueles que gostavam

de ler, pois as pessoas poderiam alugar os livros que lá estavam.³² Uma ocorrência listada tratava da chegada de três livros de Madame de Genlis ao gabinete de leitura do Pará³³ e outras duas noticiaram seu livro *D. Inez de Castro*, recebido pelo Centro Literário e Recreativo Nazareno, em Pernambuco.³⁴ Essas ocorrências mostram que havia a possibilidade das obras dela terem sido conhecidas pelo público que frequentava esse tipo de lugar e, considerando que os estados do Pará e de Pernambuco eram mais afastados dos centros comerciais daquela época, isso demonstra que o acesso aos livros de Madame de Genlis não estava restrito ao eixo Rio-São Paulo, por exemplo.

As ocorrências sobre educação (14) tratam dos textos voltados para a educação que mencionam Madame de Genlis como professora e autora de textos educativos. Em geral, essas ocorrências tratavam da qualidade dos livros dela para ensinar valores às crianças e mencionavam seu estilo de ensinar, tornando seus alunos independentes. Em texto (12), tem-se o número de vezes em que os jornais traziam trechos de obras dela (o tópico “citações”, por outro lado, traz curtas frases em destaque como máximas). Uma dessas ocorrências foi num jornal do Piauí,³⁵ que publicou um primeiro capítulo do folhetim “Mademoiselle de Clermont”, de sua autoria. Só há uma edição

do jornal, então não se sabe se o folhetim foi publicado de modo completo.

Em leilão (6), temos as vezes em que obras dela foram anunciadas em leilões; enquanto biografia (6), trata-se do número de ocorrências que informaram algo sobre a vida dela, em geral memorandos sobre o aniversário de morte da importante autora francesa, Madame de Genlis. Uma ocorrência³⁶ menciona que ela escreveu mais de 80 livros e recebeu um cargo no governo de Napoleão Bonaparte, no qual ganhava uma pensão de 6.000 francos anuais, apenas por trocar correspondências com ele! Outras duas ocorrências também mencionam essa pensão.

Por fim, o tópico crítica (2), que são as ocorrências que mencionam a autora, avaliando seu trabalho. As ocorrências são de Santa Catarina e Pernambuco, mas não são de autorias brasileiras. A primeira, traduzida de Madame Simons Candeille, traz que “a condessa de Genlis deve ser indicada como a primeira entre essas mulheres [que produzem obras primas que instruem a metade da população] universais e dignas de todo o respeito pela sua atividade generosa e constante, pelas suas graças e luzes, pela sua perícia e talentos”.³⁷ A segunda ocorrência tratava-se de um texto sobre Mary Wollstonecraft e menciona que a autora “caracteriza o método da sra. de Genlis, cujas vistas são limitadas, e os preconceitos tão

desarrazoados, quanto tenazes. Há, entretanto, em seus escritos, diz ela, sentimentos, que honram seu espírito e seu coração”.³⁸

É bastante informação, mas isso mostra que Madame de Genlis teve uma circulação considerável no nosso país e era um nome bastante citado. Ressalto aqui que ela teve textos publicados no Piauí e apareceu várias vezes nos periódicos de Pernambuco!

Bom, agora que conhecemos um pouco sobre Madame de Genlis, convido você a conhecer um dos trabalhos dela. Nas páginas seguintes, você lerá o folhetim “Olímpia e Teófilo”,³⁹ adaptado ortograficamente d’*O Tico-Tico*. A versão d’*O Sexo Feminino*, incompleta, possuía uma tradução mais dramática e também inseriu um trecho que não estava presente no original. Esse trecho, para sanar a curiosidade dos leitores, foi inserido e notificado no texto que você lerá a seguir.

Antes, algumas informações. Apesar de ter sido publicado como folhetim, o texto original era um livro dividido em serões, como se fossem capítulos. Esses serões eram as noites de contação de histórias da família Clemire. Sendo assim, é possível ler esse texto em duas noites, que seriam os dois serões em que a história foi dividida. Ou, caso queira a experiência dos leitores juvenis, recomendo ler uma “edição de jornal” por dia.

Alguns significados de termos que possam ser de difícil compreensão estão nas notas de rodapé. Esses significados foram retirados do



dicionário on-line Priberam. Os trechos em *itálico* são diálogos entre a senhora de Clemire e seus filhos. Essas interrupções serviam para a autora ressaltar determinados pontos de seu enredo para o público infantil.

Por último, mas não menos importante, espero que tenha gostado de aprender um pouco sobre o trabalho de investigação literária e desejo uma boa leitura! E que a história de Olímpia e Teófilo lhe prenda assim como me prendeu!

Ah, para quem não se importa com *spoiler*, aí vai um: eles ficam juntos no final. Mas não do jeito que esperamos.